

Por uma economia mais solidária e sustentável em prol da vida humana menos egoísta

For a more comprehensive and sustainable economy for the sake of less selfish human life

Dimas Alcides Gonçalves¹, Juliano Vieira Gonçalves²

Resumo

Insistimos na frase outrora posta na Carta da Terra de que o destino comum nos obriga a procurar um novo início, mesmo sabendo que, para a maioria da massa trabalhadora, a suposta verdade construída em prol do bem-estar social não se verifica. Tanto assim o é que ainda se observam os movimentos contrários às diferenças salariais entre homens e mulheres, à precarização das leis sociais do trabalho, ao desemprego estrutural para os jovens e uma completa desregulamentação trabalhista, de caráter global. Isso tudo por conta de alguns homens que, em sua ganância de querer, a todo instante, priorizar a maximização do lucro e de se escorar na racionalidade instrumental cega e, no desprezo pela multidimensionalidade do ser humano, acabam por fomentar a desigualdade desmedida dentro de sua própria espécie. Este artigo surge sim, para a preservação de nossa condição mais afetuosa que, até que enfim, tenta tornar-se ciente das consequências da sustentabilidade, podendo, assim, extrapolar para a dimensão do complemento imprescindível à causa da economia solidária, o tal “desenvolvimento sustentável”. Ambos os conceitos estão atrelados ao pensamento da necessidade urgente de subordinar o desenvolvimento econômico ao sistema da natureza, sempre limitado e permanentemente vinculado ao homem, enquanto ser humano e ser social. Não se deve mais desprezar a multidimensionalidade da criatura humana, reduzindo-a a mera ferramenta econômica a serviço do grande capital. Cá se fala um pouco da luta de classes, das relações de gênero, do jovem no mundo do trabalho, da segurança alimentar, da participação política, da cultura e, principalmente, do tipo de desenvolvimento econômico pleiteado em territórios, em sua maioria, locais (ainda). Tudo vale, desde que carregado de um forte componente de afetividade, de cuidados mútuos e de interação humana, muito além do já tão cravado aspecto econômico. E, felizmente, (pouco a pouco, como o próprio movimento cooperativista) bem menos egoísta.

Palavras-chave: Afetividade. Economia solidária. Desenvolvimento local. Multidimensionalidade humana. Precarização do trabalho. Sustentabilidade.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Economia e Administração, Faculdade de Economia. Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/ *Correspondence to:* D.A. GONÇALVES. *E-mail:* goncalves.dimas@gmail.com

² Graduando, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Direito. Campinas, SP, Brasil.

Abstract

We insist on the statement in the Earth Charter that a common destiny obliges us to seek a new beginning, even though we know that for the vast majority of the working masses the alleged truth built for social welfare is not always true. This is so much so that we still face movements against wage differences between men and women, precariousness of social labor laws, structural unemployment for the youth, and complete global labor deregulation. All this because some men who in their greed want, at all times, to prioritize profit maximization and lean on blind instrumental rationality, despising the multidimensionality of the human being and fomenting unequal inequality within their own species. This article was written to preserve our most affectionate condition, which, at last, tries to become aware of the consequences of sustainability, thus being able to extrapolate to the dimension of the essential complement to the cause of solidarity economy, such “sustainable development”. Both concepts are linked to the idea of the urgent need to subordinate economic development to the system of nature, which is always limited and permanently connected to men as human and social beings. One should no longer despise the multidimensionality of the human creature, reducing it to a mere economic tool in the service of the great capital. Here we consider class struggle, gender relations, youth in the labor world, food security, political participation, culture, and, especially, the type of economic development promoted by (still) mostly local territories. Everything goes, provided it is embedded in a strong component of affection, mutual care, and human interaction, well beyond fierce economic competition. Undoubtedly, the reconstruction of a new world requires a new approach: more just, sustainable, responsible, and, hopefully, (little by little, such as the cooperative movement itself) less selfish.

Keywords: *Affectivity. Solidarity economy. Local development. Human multidimensionality. Precariousness of work. Sustainability.*

Introdução

Ao relembrar as palavras abaixo elencadas pelo Papa Francisco, em sua mais recente Encíclica, uma velha angústia parece se fazer presente, novamente, pois, afinal, “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada”³. A Carta da Terra, apresentada em Haia no início do século XXI pareceu-nos alertar no sentido de convidar a todos ao recomeço, deixando para trás uma etapa de autodestruição. Mas ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne isso possível. Como desenvolver esta consciência universal, senão pela economia? Ou, quem sabe, pelo direito? Quais seriam as medidas sociais necessárias para a interrupção deste processo de autodestruição? Talvez precisemos arquitetar novas estruturas antes que seja tarde demais.

Antes de continuar com mais indagações e desejos por um amanhã melhor, é preciso contestar o processo de concentração da riqueza atual pelo fato desta aparência ser quase que implacável no capitalismo. Passados pouco mais de 230 anos de sua simbólica data de surgimento – em meados do século XVIII, muito se tem a comentar quanto ao mundo do trabalho e mesmo do capital. É inegável que o sistema capitalista

³ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2017.

tirou das trevas e da servidão uma massa incontável de trabalhadores que mal conseguiam sobreviver frente às inúmeras obrigações senhoriais na Europa ou mesmo da escravidão negra nas Américas. Sindicatos foram construídos, leis trabalhistas foram implantadas e a abolição tornou-se realidade no novo continente americano, sem contar com o enorme avanço tecnológico impulsionando a sanidade das cidades e a sensível melhora das condições de vida das populações. Para certo número reduzido sim, isso é verdadeiro, mas, para a maioria destes trabalhadores nota-se que essa “verdade construída” não se verifica.

Mesmo que se tente, num esforço da grande mídia, ocultar a luta entre as classes, ou melhor, a luta de classes (tantas vezes parafraseada por Engels e Marx), o conflito distributivo torna-se a mola mestra das principais lutas entre o capital e o trabalho, contemporaneamente. Observam-se, ainda, os movimentos contra as diferenças salariais entre homens e mulheres, precarização das leis sociais do trabalho, o desemprego estrutural para os jovens e uma completa desregulamentação trabalhista global. Desde a I Revolução Industrial (em 1780) até a presente ora denominada “IV” Revolução Industrial, também chamada de Revolução Digital (2010), essas lutas permanecem constantes. Trataremos mais adiante de algumas passagens da mais recente encíclica papal para demonstrar as cicatrizes desta disputa maléfica à laia humana encarnada, em transformação.

A Economia Solidária e uma nova sociedade

Por tudo isso, uma outra economia vem se destacando nos territórios locais, a chamada Economia Solidária, como também a economia de comunhão⁴. Ambas surgem como luz no fim do túnel em meio a outros movimentos sociais já consolidados na resistência ao capitalismo financeiro, porém, bastante motivados em mudar, primeiramente, a realidade desigual. A situação de exploração econômica tem sido provocada, sobretudo, pelo ser humano em sua ganância de querer, a todo instante, priorizar a maximização do lucro e se escorar na racionalidade instrumental cega, desprezando a multidimensionalidade do ser humano. Sem adentrarmos ainda nos pormenores da política que toda esta área da economia obrigatoriamente conclama, vejamos o que a *Laudato Si'* nos traz à tona ao abordar o necessário diálogo entre a política e a economia para a plenitude humana:

Mas não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspectos da crise atual. A lógica que não deixa espaço para uma sincera preocupação pelo meio ambiente é a

⁴ Economia de Comunhão é um projeto nascido em 1991 no âmbito do Movimento dos Focolares, organismo da Igreja Católica oriundo da Itália.

mesma em que não encontra espaço a preocupação por integrar os mais frágeis, porque, 'no modelo "do êxito" e "individualista" em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida'⁵.

Lembremos que, a ainda desconhecida Economia Solidária é um movimento genuinamente latino americano que pretende ser uma alternativa ao modo de produção capitalista usual. Volta-se, principalmente àqueles que não mais se "harmonizam" na complexa realidade de exigências digitais e de comunicação global da modernidade no âmbito do sistema capitalista de produção. No princípio, em fins dos anos 1990, essa economia tinha como estratégia o enfrentamento alternativo do mundo do trabalho, ou melhor, do mundo do não trabalho – desemprego, de fato. Hoje em dia, se encontra mais voltada para a absorção de grandes massas de jovens, mulheres e profissionais dos mais variados setores econômicos, muitas vezes já distantes do mercado formal de trabalho.

Não é possível recomençar sem dizer que, o conceito de sustentabilidade é, sem dúvida, polissêmico, isto é, pode ser entendido e estudado sob diversas perspectivas e dimensões. Há pelo menos quatro dimensões a serem conhecidas por enquanto: a ambiental, a econômica, a social e a antropológica, mas, é válido lembrar que todas convergem para uma só compreensão, a da perpetuação de nossa espécie no planeta Terra, como se fosse uma espiral em formato de DNA. São pontos que convergem para a preservação da nossa afetividade humana, sem dúvida. Sob o ponto de vista mais ampliado deste conceito podemos, também, extrapolar para a dimensão de seu complemento, o tal "desenvolvimento sustentável", esse sim, com um pouco mais de contorno conceitual, um pouco mais sólido apenas. Simplesmente (e, sabiamente) o desenvolvimento sustentável poderia ser definido como "aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações"⁶. Tanto assim o é que o Papa Francisco não nos deixa esquecer sobre o quanto a desigualdade planetária é ocasionada pela falta de um desenvolvimento, verdadeiramente, sustentável. Dessa forma, salientamos por aquilo que a *Laudato Si'* confirma e corrobora, já que as intuições dos pensadores da Economia Solidária e de seus "santos" objetivos, indubitavelmente, estão a favor da vida humana:

É necessário que os países desenvolvidos contribuam para resolver esta dívida, limitando significativamente o consumo de energia não renovável e fornecendo recursos aos países mais necessitados para promover políticas e programas de desenvolvimento sustentável. As regiões e os países mais

⁵ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.150.

⁶ BOFF, L. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.34.

pobres têm menos possibilidade de adotar novos modelos de redução do impacto ambiental, porque não têm a preparação para desenvolver os processos necessários nem podem cobrir os seus custos. Por isso, deve-se manter claramente a consciência de que a mudança climática tem responsabilidades diversificadas e, como disseram os bispos dos Estados Unidos, é oportuno concentrar-se 'especialmente sobre as necessidades dos pobres, fracos e vulneráveis, num debate muitas vezes dominado pelos interesses mais poderosos'⁷.

Leonardo Boff, em seu livro "Sustentabilidade – o que é – o que não é", apresenta o conceito de "eco-desenvolvimento" ou "bioeconomia" como nova forma de pensar e agir contra o pensamento dominante do capitalismo contemporâneo. Ambos os conceitos estão atrelados ao pensamento da necessidade urgente de subordinar o desenvolvimento econômico ao sistema da natureza, sempre limitado e permanentemente vinculado ao homem, enquanto ser humano e ser social. Em síntese, a economia deve estar vinculada e subordinada às condições limitantes da natureza e às tecnologias, obra revolucionária do homem, também a ela condicionada.

Paul Singer, maior símbolo da militância do movimento da Economia Solidária no Brasil, já ressaltou inúmeras vezes e das mais variadas formas que:

[A] economia solidária surge como modo de produção, distribuição, consumo e convivência alternativa ao capitalismo, casando o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição. A economia solidária opõe-se à ditadura do capital e de sua racionalidade expressa no individualismo, na priorização da maximização do lucro, na racionalidade instrumental e no desprezo pela multidimensionalidade do ser humano, reduzindo-o a mera ferramenta econômica a serviço do grande capital, que, revestido de um poder sem igual, passa a ditar as regras, excluindo e controlando vidas num processo de seleção que quer ser visto como natural (quando na verdade surgiu e terá seu limite imposto historicamente pela luta de classes). A assimetria de forças e de relações de poder vem abalando perigosamente as estruturas democráticas em que se apoiam as sociedades modernas⁸.

Pelo que se vislumbra, pode-se imaginar o tamanho do sonho que se quer atingir através da Economia Solidária, mas, esse não é um sonho que se sonha só. Existe uma base cooperativa que não discute somente os processos produtivos e de comercialização da produção, mas considera também a luta de classes, as relações de gênero, o jovem

⁷ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.42.

⁸ CÂMARA, M.R.G.; SANTOS, L.M.L. *A sustentabilidade da economia solidária: contribuições multidisciplinares*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. p.36.

no mundo do trabalho, a segurança alimentar, a participação política, a cultura e, principalmente, o tipo de desenvolvimento econômico pleiteado no território.

Devem ser os princípios cooperativos que, agindo como mantenedores desta educação prévia, acabam por promover real desenvolvimento sustentável dentro das sociedades, e que tomam por norte o interesse primordial de suas comunidades. Isso significa que no compromisso com o meio ambiente saudável/sustentável, nas relações que se estabelecem com a comunidade local e na preocupação com o bem-estar dos próprios trabalhadores e consumidores – tudo deve estar carregado de um forte componente de afetividade, de cuidados mútuos e interação humana, muito além do já tão cravado aspecto econômico⁹.

Em recente pesquisa, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho, identifica que no Brasil há 24 mil empreendimentos econômicos solidários, que reúnem cooperativas de produção e trabalho, associações de produtores, grupos informais de produção artesanal, centros de comercialização, feiras de economia solidária, pontos de comercialização, cooperativas de serviços, redes de produção, cadeias de produtos, cadeias logísticas, entre outras tantas experiências de inclusão produtiva, trabalho e geração de renda. Em sua maioria, a prática da autogestão tem permeado os processos gerenciais, bem como uma forte formação política e de atuação nos processos de desenvolvimento local, sempre em bases de sustentabilidade ambiental, fundamentalmente. Como o próprio Papa Francisco disse em outra ocasião: *Local is human, local is efficient, local is beautiful* (Trecho retirado do encontro em Turim, na Itália – data: 13-16, de outubro, de 2015 – sobre paradigmas e abordagens dentro do 3º Fórum Mundial de Desenvolvimento Econômico Local).

Nessa mesma pesquisa da SENAES também se apresentaram os modelos produtivos predominantes, destacando-se o modelo tradicional de produção da monocultura agrícola com o uso de fertilizantes químicos e defensivos (agrotóxicos, genuinamente). Porém, nos últimos 5 anos há um novo comportamento do consumidor mais preocupado com sua saúde, essencialmente, juntamente com um novo mercado que se vislumbra – a produção orgânica livre dos defensivos e dos químicos. Não à toa o Papa Francisco evidencia pelos dizeres, com relação à poluição, aos resíduos e às culturas do descarte: “Na realidade a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros”¹⁰.

Considerações Finais

A produção orgânica de base agroecológica ganha cada vez mais espaço em processos de certificações de selos orgânicos e até sistemáticas participativas de

⁹ Cf. CAMÂRA; SANTOS, 2012.

¹⁰ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.19.

certificações. O valor de um produto orgânico e/ou de base agroecológica ainda pode ser considerado como nicho de mercado, com forte crescimento. Os produtos orgânicos são hoje o que os produtos *diet* e *light* foram nas décadas passadas. Nas prateleiras dos mercados esses produtos já disputam espaços cada vez mais significativos.

Mas, a Economia Solidária e sustentável não se restringe ao campo da produção e comercialização – o que poderíamos denominar como o campo conceitual das trocas materiais. A Economia Solidária avança e se consolida sob a luz das trocas simbólicas, seja pela compreensão de que o homem é o centro do processo, e a ele incorporam as antigas tradições culturais e folclóricas da relação homem-natureza e, dela, a sua sobrevivência, seja na manutenção de feiras de sementes crioulas (sem a presença de transformações genéticas), ou nos processos de colheitas coletivas, dos rituais históricos das comunidades Quilombolas, das tradições das pescas artesanais das populações ribeirinhas, do extrativismo dos povos das florestas, entre outras expressões. Tudo isso na identificação cultural e social da produção subordinada aos limites impostos pela natureza, o que também podemos chamar de eco-desenvolvimento e/ou bioeconomia.

Por fim, quais resultados devemos esperar? Produtivos, econômicos, inclusão produtiva, geração de renda e trabalho, preservação das culturas produtivas e associativas, quem sabe? Estamos realmente construindo um novo mundo, nossa própria realidade, de forma mais justa, mais sustentável, mais responsável, e, felizmente, bem menos egoísta. “Não podemos deixar de apreciar e agradecer os progressos alcançados especialmente na medicina, engenharia e comunicações. Como não havemos de reconhecer todos os esforços de tantos cientistas e técnicos que elaboraram alternativas para um desenvolvimento sustentável?”¹¹.

¹¹ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.34.

